

Do escriba	3
Início	7
Força	11
Imortalidade	17
Bem e mal	25
Deuses, demônios e bruxas	35
Pactos sobrenaturais	43
Alma pactuada	51
Consciência de bruxa	59
Dupla natureza	67
Sobre o culto	75
Arte dos efeitos	83
Os quatro elementos	91
Quintessência	97
Sobre as proporções	101
Femealidade	107
Guerra das árvores	113
A Grande Bruxaria	117

Do escriba

Muito debati com meu editor sobre o modo de apresentar-se esse livro. Caso fosse eu de fé espiritista diria tratar-se de um livro psicografado, mas não será esta minha postura. Sou escritor por profissão e este livro, culpa ou mérito, cabe-me como responsabilidade civil e moral. Disto quis furtar-me ocultando-me sob pseudônimo ou, no anonimato. Aceitei todas as hipóteses de camuflagem e, depois da apoplexia interior que me desarvorou a alma, rendi-me como réu confesso.

Dirce aproximou-se de mim junto com a tragédia penosa e mortal que vivo. Surgiu como soberba bruxa amada e senhora suprema de todas as musas. Veio acompanhada da verdade, mas não estava nua como esta. Antes, a cobria o véu sagrado da Papisa. Dei-lhe um sobrenome por carinhosa homenagem a Luiza De Bellis, gentil amiga italiana. Isto porque "De Bellis" significa, em latim, "oriunda das guerras" ou, simplesmente, "das guerras". Dirce, com efeito, pertence a uma estirpe de guerreiras.

Nunca planejei nenhum dos textos que escrevi neste testamento. Apenas fui obediente escriba de Dirce, que sussurrou pacientemente a meus ouvidos, ora em

italiano ora em dialetos diversos. Às vezes, era-me difícil entender e ela repetia com ternura. Sua voz soava-me à alma como metáfora ou alegoria de uma realidade misteriosa e fora de meu controle; uma metafísica paradoxal do desespero e da esperança. Desde a adolescência exploro enigmas da mente e vivo estados alterados de consciência. Por isso, a Esfinge sempre me devora aos pedaços. E a ignorância deglutida é assimilada e arquivada no ser, como conhecimento, atualizando uma dialética fabulosa, muito maior do que eu mesmo.

Dirce significa veneno e antídoto, em respeitada etimologia citada por Junito Brandão. Acredito que a entidade psíquica que meditou suas últimas vontades, de algum modo, estivesse ligada a este arquétipo tão bem percebido pelos gregos. No entanto, soube incorporar a milenar experiência da mulher, dos primórdios da espécie até hoje. Apesar disto, sua mensagem não é saudade nostálgica, mas mágica projeção realista em direção do futuro.

Foi assim, nos termos e nas palavras que se seguem, organizadas em 17 tópicos, que Dirce decidiu dividir seu testamento, fazendo chegar-me aos ouvidos esta mensagem que me sinto obrigado a trazer a público.

Imagino que para as leitoras será uma permanente exortação à causa feminista. Para os homens, constitui a possibilidade de ultrapassarem os limites de uma função

meramente fecundante e tomarem-se co-gestantes de um novo projeto de mundo reencantado e justo.

O leitor deve sentir-se inteiramente livre para considerar esta uma obra mediúnica, se tal for sua crença. Pode, ainda, compreendê-la como simples criação literária, que se dedica ao eterno e cósmico princípio feminino.

De uma coisa esteja certo quem o ler: a autora deste texto se chama Dirce De Bellis. Assim batizei o personagem que o escreveu - alma, deusa, anjo ou carne. O escriba meramente o redigiu, como tabelião de antiga sabedoria.

Segundo disse-me, um dia, se for invocada antes de ser lida, sua vibração abrirá canais secretos com o leitor e o texto assumirá novo significado, cifrado e enigmático. Esta sorte reserva-se para quem sintonizar com as esferas fixas do cosmo. Arcano e Umbral, Dirce vara deste nosso mesquinho presente para os ângulos pluridimensionais das semânticas encantatórias, onde o brilho pode ser humildade.

**Aqui e em todo lugar,
no Equinócio de Primavera,
hoje e eternamente,**

meu testamento é multimilenar,
atravessa séculos e mil vidas
percorre, registrando o lado reverso
de muitas histórias cunhadas. A
bruxa sou eu, a mulher eterna em
cada uma das infinitas formas que
assumo, como terra e caverna, útero
fecundo de esperanças e
permanências. Sou eternamente
destinada ao fogo masculino que
sempre me consome, ora em gozos,
ora em dores. Mas que significam
dores ou gozos para quem sempre
supera a efemeridade? Não sou por
acaso fênix e de todas as cinzas não

renasço repetidamente? Não sou abrigo de todos os espermas e cadinho de toda vida? Não sou mar e terra, água e leite de todo neonato? Sim, sou bruxa, aquela que queima, que arde e ilumina, na noite dos desprazeres, as ilusões masculinas fragmentadas nas iras infinitas das guerras sangrentas. Sei aquilo que os homens ignoram e por isso tornam-me chama viva, vela eterna e estrela, na ânsia de apossarem-se do saber que é só meu. Sou toda refulgência e brilho, lume e espasmo de infinito prazer que se desloca do macho, como volúpia e momento, e se faz futuro em meu ventre. Os homens nascem de mim e morrem em mim. E eu, eterna, permaneço — Natura ou Gaia — disfarçada em mil faces femininas, em mil corpos e identidades, em vidas múltiplas dispersa, mas numa única entidade materna, cujo corpo se desdobra noutros e de si se torna alteridade. Sou senhora dos orgasmos, das contrações e dos espelhos. Retalho meu corpo em fibras e entrego-me ao macho como alimento e holocausto.

Enquanto ele goza a posse e usufrui o mistério de minhas entranhas suaves, roubo dele a semente e as chaves da eternidade. Como meus enigmas não são decifrados pelo homem, é preciso que o devore. E como é doce o mel do macho! Como é fraca sua força! Como é dúbio seu saber! Assim, discreta venho atravessando os milênios, sem colher os louros que plantei e germinei, sem garantir meus méritos por intrínseco recato e pudor de uma intimidade tão profunda com o poder que nem requer que dele me ufane. Mas ao ver os homens toda glória reclamarem como grandes magos poderosos devo, por amor às filhas do futuro, deixar escrito tudo que fiz, fui, serei e farei como tetraneta de minhas esperanças. O mago verdadeiro nunca se declara como tal: seja pela humildade ou pela sabedoria, jamais se ouviu que um que fosse autêntico se jactasse deste ou de outro prodígio. Por isso, filhas diletas, temei os despudorados que alardeiam poderes e méritos. O verdadeiro sucesso no caminho da luz exige o recato de donzela. Não sigam

falsos guias que percorreram uma única vez a trilha da devoção e já se arvoram em magos, por causa da bela capa ou da ridícula espada. Lembrem-se que o único manto protetor eficaz contra qualquer intempérie é o estrelado céu e que a única espada afiada e fecunda é o raio da luz solar. Portanto, minhas filhas, tomem estes tolos machos entre suas delicadas mãos, façam-nos deitar em seus tálamos e conduzam-nos a seus sonhos de poderio, que este prazer lhes é permitido, mas os façam também ver as deformações de suas loucuras e o mundo que destroem em insana azáfama. Meu tempo nesta curta manifestação se extingue e logo já não estarei com minhas meninas a ensinar, por isso, escrevo e lego à posteridade as lembranças que não devem ser esquecidas, fatos e procedimentos, receitas e conselhos. Serão meros escritos. Não farei tratado como é do gosto dos machos, nem defenderei argumentos. Tampouco estarei preocupada em não misturar metáfora e fato, pois nós, as bruxas, sabemos que a realidade é

mera alegoria da eternidade. Seguirei o verbo conselheiro, de modo que a verdade possa ser motivo e destino de toda formulação. Alguns títulos dividirão os escritos, mas caberá a cada uma de minhas discípulas descobrir a razão e o sentido, posto que mais já está escrito no coração de quem lê do que poderia eu aqui deixar gravado.

Força

Afirma-se, comumente, que a palavra bruxa deriva do verbo *brusiare*, usado no latim tardio da idade média, que significava queimar, passando pela forma italiana *bruciare la strega*, que significa queimar a feiticeira. Contudo, nós, as bruxas, sabemos que esta palavra deriva do termo grego *brouchos*, que designa larva de borboleta. Somos pois seres destinados à metamorfose, à transformação radical e à libertação do vil rastejar para o glorioso voejar. Se nos queimam, nos transformam em luz e cinzas que voltamos a animar no eterno ciclo persistente e resistente da vida que se duplica, renova e repete a misteriosa arte de ser igual e diferente ao mesmo tempo. Destinadas ao vôo, antes rastejamos como vermes e, assim, aprendemos a

humildade das sacerdotisas do sol que se podem ofertar em sacrifício sem perda do prazer e da liberdade. Nossa alegria flutuante sempre foi motivo de inveja, por isto os machos fizeram caricatura de nosso poder aéreo e libertário, conferindo-nos vassouras voadoras por transporte. Para não decepcioná-los, com efeito, nelas montamos e nelas voamos, se quisermos, mas nosso flutuar é regido por natureza mais profunda, por destino mais assinalado e contundente do que as fantasias masculinas de que seus falos sustentam nossos vôos. Filhas minhas, não pensem, contudo, que desprezar os homens seja sinal de grandeza e libertação para uma bruxa. Eles não são inimigos, contudo arquitetaram um mundo onde só o presente importa. Dotou-lhes a natureza da plenitude do instante, mas a nós, mulheres, conferiu o domínio sobre o dia seguinte, sobre o tempo prolongado, os ciclos e as renovações. Desejar os homens não é mesquinha nem fraqueza, não existimos sem eles, mas o mundo que

podemos pensar e criar é bem diverso deste, de confrontos e choques, de injustiças e egoísmos, que eles construíram. No entanto, para realizarmos a obra e concretizar a aurora do tempo maduro precisamos entender que os machos são a matéria prima do futuro que haurimos em nossos abraços. Quem estiver destinada a entender saberá que a força da palavra bruxa está no *xa* mais do que no *bru*, pois seu valor total é 383 e cuja chave se guarda na temperança, mas no *xem* é que se encontra a raiz de todas as coisas. A maioria das bruxas nasce em corpo de mulher, mas há também aquelas que nascem em corpos masculinos. A natureza da bruxa não está no sexo, mas no dever do orgasmo, pois só o prazer liberta a energia que sustenta o mundo e recria as infinitas dimensões. A alegria de um orgasmo salva milhares de seres da tristeza das trevas e ascende lumes infinitos no grande céu do futuro. As estrelas que hoje vemos são luzes do passado, gozos celebrados nas origens pelos grandes seres que nos precederam.

As luzes do amanhã dependem dos abraços amorosos e do prazer que formos capazes de gerar no agora. Para as bruxas, o sexo não é divertimento leviano, mas dever sagrado pelo qual elas se associam às divindades que sustentam a realidade pela providência: é o dever de produzir o futuro como fruto doce e suave, como algo melhor do que o presente. Na energia do orgasmo voamos pelo éter criando o espaço e fecundando o tempo, numa gênese metafísica que o moralismo dos machos e de suas fêmeas escravizadas não consegue compreender. As bruxas, nos gemidos de nossos prazeres ou de nossas dores, geramos o mundo numa concretude energética indiscutível. Assim, pouco importa que nos queimem ou nos amem, pois, é morrendo ou renascendo que produzimos realidade. No x da bruxa está contido o universo. Por isso, filhas diletas, nunca se deixem possuir pela presunção ou pelo orgulho, porquanto estes são defeitos e deturpações próprias dos

machos e nós sabemos que nosso destino é servir o universo e unidas bailar nas órbitas dos astros celestes. Não repetirei aqui os já conhecidos saberes de todas vocês, mas apenas exortarei quanto ao essencial de nossa doutrina. Não somos sacerdotisas de religiões quaisquer. Tampouco somos xamãs de primitivas tribos. A bruxa é simples realidade e consciência disto habitando na espécie humana em forma corporal. Mas este corpo que a hospeda não a contém nem retém, ela é mais que corpo e mais que alma e mais que espírito, é mistério e enigma da concretude imperial da energia cósmica no ato de conhecer-se a si mesma como tal.

Imortalidade

Nada mais enganoso do que supor o plural de bruxa: todas elas são uma única entidade e em cada uma habita uma legião infinita de seres multifacetados e plurais, mas paradoxalmente unificados numa mesma hiper-realidade fantástica. A bruxa não é uma pessoa, mas um evento energético de consciência plena, capaz de situar-se em qualquer época e lugar e em qualquer realidade particularizada, porquanto ela é a própria realidade eufemizada na carne encantada pelo prazer. A bruxa é imortal e única. Ora está nesta ou naquela jovem, ou sempre numa velha, mas não se confunde com a mulher, indivíduo ou pessoa. É mais que a história vivida por um corpo, que a personalidade construída nas experiências. A bruxa é uma

ocorrência que floresce num alguém, como expressão do feminino total, do grande útero sobrenatural de onde provém a existência, mas não é um nome nem um percurso existencial. É eterna, por isso trans-histórica e contemporânea de todos os momentos. É sobretudo o grande temor que infunde aos egóicos e efêmeros machos. Foi bruxa Sara, a de Abraão que concebeu fecunda em tempo vetusto. Foi bruxa Isabel de Zacarias cujo poder gerador calou o macho acólito de seu prodígio. Foi bruxa Ísis que gerou Hórus do olhar choroso de Osíris. Foi bruxa e terrível Maat-Ka-Ra, que trucidando o irmão se fez decretar macho e reinou poderosa como Hapshetsut, conquistadora das liberdades das terras fecundas de Quemi, hoje Egito. Bruxa e mulher são uma única realidade eterna. Sucedem-se os machos como portadores de sementes, aram e cavam sulcos, mas elas, as perenes geradoras, colhem seus testículos e deles fazem novos seres. Grande bruxa foi Cibele que a Átis amputou a serventia, mas

generosa o transformou em divindade. Tremenda bruxa foi Medéia, capaz de devorar as crias de um amor indigno e deixar que a justiça telúrica e feroz da Ira restaurasse de modo monstruoso o ultraje da rejeição. A bruxa não é exemplo, não é mito. É evento e realidade, sopro de correntes aéreas tumultuadas e destinadas à contemplação do ultrapasse da infração e do transbordar para muito além das categorias usuais e utilitárias da bondade ou da maldade. Desgraçada a fêmea que se presumir bruxa por meramente ousar romper convencionais barreiras e atirar-se a aventuras menores e centradas em propósitos egoístas. O comportamento da bruxa, não é compulsivo, nem inconsciente, é pelos astros traçado e inevitavelmente determinado. A bruxa encarna a liberdade plena condicionada e circunscrita à uma lei maior e incompreensível: dever voluntário sem escolha — imperativo categórico, mas a entes arquetípicos pertencente. Saibam pois, meninas de

meu coração, que jamais fruirão do repouso hebraico nos pés do Pai Abraão, nem das delícias da nulidade materialista e atéia. Somos trabalhadoras incessantes, nesta carne manifesta ou em formas cristalinas de energia organizada. A bruxa é única e sublime, porque não participa da quimera das fábulas religiosas e míticas. Pela imediata experiência do sublime e do real, não lhes é permitida aquela fé consoladora dos néscios, bem intencionados e pusilânimes, que sonham com um contábil acerto com uma divindade agiota com seus dons que se gastaria pela eternidade a mensurar méritos e deméritos, pecados e virtudes. Felizmente a bruxa é um ser que não bebe o colostro da ilusão que salva o ego. Não precisamos nutrir ilusões reencarnacionistas, em busca de novos e elegantes corpos para outra vida mais atraente e confortável. Acreditamos na singularidade perfeita das manifestações, na irrepetibilidade dos momentos e na unicidade do ser. Nunca

reencarnaremos, simplesmente porque jamais deixaremos de estar encarnadas — somos carne e matriz da carne — energia múltipla e heterogênea em permanente expansão de sua diferença. Somos humildes fiandeiras da vida em nossas rocas; e como Géia geramos Cronos, o Tempo, o devorador de toda a criação: como Réia, fugimos grávidas para Creta e damos Zeus à luz e a seu destino ressuscitador dos deuses engolfados pelo Tempo. Com infinitos nomes reconhecida, a bruxa é eterna porque assume radicalmente a libertação do ego contingente, experimental e linear. É eterna porque está sempre. Porque cumpre seu papel de criar realidade. É deusa branca e transmutante, locatária de corpos mis e diversos. Nem só está em forma humana, mas, às vezes, na de águias, baleias, leoas, tigresas, serpentes, gatas e, sobretudo, em forma de aranhas, em seu eterno afazer de tecer e tecer, abrindo seu caminho pelos ares. Bruxas, temos orgulho de sermos também os vermes que transformam o passado podre em

esperança de futuro reciclado. Ao descrever a mais essencial natureza da bruxa e mostrar assim sua imortalidade, quis que não se iludissem, filhas, quanto à alegoria da eternidade circunscrita ao efêmero complexo dos organismos vivos. O vital transcende o celular e, se hoje, se revela ao homem, nos recônditos mistérios microfísicos, desde sempre foi-lhe evidente na insondável grandiosidade celestial. Assim, tampouco se iludam os não predestinados com a vã presunção de que tal condição de consciência seja conquistável por esforços ou exercícios. As bruxas, somos como os números primos: ocorrem sempre, quando e onde nunca se sabe. Portanto, não se esforcem numa busca pelos poderes superiores. A sabedoria da bruxa não está em dominar forças majestosas — como anseiam os magos machos — mas em abdicar de todo louro que a alce acima do comum da espécie em que se manifesta. E isto não é por virtude da humildade como disciplina e árduo esforço: é simples destinação e

graça. É sendo comum e igual que ela sustenta a matriz cósmica da espécie na qual floresce. Contudo, pode ocorrer que formidáveis poderes se manifestem, transgredindo a discricção e evidenciando-se aos demais; neste caso à bruxa caberá atribuir a outrem os prodígios. O segredo da bruxa consiste em não reivindicar autoria destes nem outros poderes, posto que seu exercício é serviço recatado e fiel. Fique claro, às meninas de meus carinhos, que as legiões que as habitam são rebanhos a serem pastoreados com amor e dedicação. Cria-se um destino que não é fatalista, mas sim responsabilidade exercida. Ser bruxa é identificar-se sempre com a vida que vence a morte e não com os ocasionais corpos perecíveis em que estamos. É não identificar-se com uma história particular de si mesma feita de frustrações e carências. A bruxa só se reconhece como tal quando vive a experiência fustigante de parir sonhos para a realidade futura. Somos todas mães das utopias que iluminam o melhor. Parideiras das

histórias, somos senhoras do próprio destino; superiores às Queres, somos a liberdade de vontade da Moira sublime. Somos, filhas queridas, imortais, porque eternas e somos perenes, porque vencemos, como Réia, a Cronos, libertando nossa idéia de nós mesmas da contingência restritiva do tempo. Contudo, nada seríamos se nos derrotasse a pretensão da onipotência. Somos servas inúteis do inevitável poder cósmico que representamos, uma só gota de orgulho é capaz de atirar nossas consciências na mais desatinada loucura. Portanto, meninas, dediquem-se a conhecer as ervas mais do que a contar estrelas, pois folhas e flores são beijos solares cristalizados na terra. Nelas há vida e remédios. Nosso poder é sublime demais para abrigar o orgulho!

Bem e mal

Se já expliquei bastante o porquê da bruxa ser imortal, cabe contudo algumas palavras para distinguir, se possível, o bom agir do mal agir. Os satanistas que dominaram a Igreja Católica durante séculos quiseram que as bruxas fossem seres maus, a quem toda sorte de malefício podia e devia ser imputado. Em *Malleus Maleficarum*, consolidaram a sistemática monstruosidade contra a espécie humana, mas não perderei tempo em contra-argumentar as miríades de sofismas ali contidos. Nem tecerei considerações sobre as confusões feitas entre qualquer vítima da Inquisição e a bruxa tal como a defino. É claro que genericamente todas as vítimas dos ritos de sacrifício humano merecem entrar na categoria luminosa das

bruxas. Milhares de escritos existem sobre o bem e o mal. A discussão parece insolúvel ao penetrar o pantanoso campo do relativismo. Com temor por terrenos tão movediços, há os que preferem permanecer, míopes e delirantes, em mesquinhas atalaias maniqueístas, onde as sombras são tidas como inimigas e o medo se acirra ao menor avizinhamento do orgasmo. É mais simples convencionar a distinção entre o bem e o mal segundo as conveniências dos poderes dominantes. A vontade do mais violento é um bem, para ele, e a vítima não tem sequer o direito a reivindicar que seu quinhão seja o mal. Seu sacrifício é também um bem por decreto megalômano da fera tirânica. E a sacrificada que se sinta muito bem satisfeita, posto que sua dor a purifica e sua morte a diviniza ou mesmo canoniza. Patética, trágica e monstruosa é a história do medo exposto nas cruéis modalidades de exorcismo desenvolvidas pelos temores psicóticos dos grupos humanos. Caudais sangrentos desceram os milhares de altares de

todas as culturas, irrigando a terra com o martírio. Fornos e todos os tipos de fogueiras elevaram aos ares as dores e os suplícios de inocentes. Milhares de corpos trucidados foram lançados às águas para aplacar supostas iras e irracionais imagens de monstros escondidos na própria alma da humanidade cujo passado constitui asquerosa constatação do império do mal. E pasmem minhas diletas, todos estes crimes bárbaros não eram crimes, mas atos sublimes de piedosa devoção religiosa. Esta espécie hominídea, na qual nós, bruxas, nos encontramos para cumprir uma missão de abrandamento e de ternura, é sanguinária e assassina. O homem mata, por compulsão psicótica, aquilo que está vivo a sua volta. Não matar é um comportamento raro. As únicas variações consistem nas motivações da violência. O dito mandamento contra o matar conhece tantas cláusulas de exceção que na prática só funciona quando o motivo é individual, egoísta e fútil. Basta uma qualquer guerra e o matar se transforma em atividade heróica,

digna e nobre. Basta uma qualquer alegação de honra ferida para que o assassinato venha lavar com o sangue da vítima a suposta desonra. É suficiente um bom discurso ideológico em nome de liberdades justas para que o terrorismo grasse, sacrificando inocentes. A civilização humana sempre moveu-se a sangue. Os cristãos ocidentais modernos se chocam ao saber da crueldade sanguinolenta dos sacerdotes astecas a extrair corações, mas canonizam o bíblico Elias, que matou 450 sacerdotes de Baal e ainda subiu aos céus num carro de fogo, de tão grato lhe ficara Iahweh. Matar nem sempre foi um ato de maldade e nisto está a monstruosidade do homem. Moisés persegue o filho para sacrificá-lo, antes de ir ter com o faraó e foi preciso Séfora afrontá-lo, circuncidando o menino, para que o prepúcio amputado aplacasse o marido sanguinário. Grande bruxa foi Séfora! A história escrita pelos machos escamoteia a crueldade e a odienta dimensão assassina da perversidade. Jefté mata a filha em

holocausto a Iahweh como paga pela vitória que Ihe teria concedido o Senhor e assume soberano o cargo de Juiz de Israel. Quão justo pode ter sido? Era após Era, a história humana é a própria maldade que coleia pelo tempo. Quando o mal, por algum motivo, se ausenta, só então temos o bem. Esta doutrina que lhes explico é o inverso daquela pregada pelos machos metafísicos que pretende definir o mal como ausência de bem. Contra a relatividade destes conceitos pode-se afirmar que o mal é o sangue voluntariamente derramado em todas suas formas; o bem, a cicatrização da ferida. O macho fere e sangra a vítima na volúpia de conquistar uma menarca simbólica, já que seu corpo é incapaz de sangrar livre e regularmente a própria fecundidade. O mênstruo é a própria vida que a mulher compartilha com o mundo em doação generosa de si mesma. Sem violência contra o outro, celebra seu rito de sangue de modo natural e tranqüilo. Ah, mas quanto isto não foi invejado pelos homens! Os machos, de tanta inveja

deste sangue, o consideraram impureza e convenceram as mulheres de que isto era um mal. Contudo, o mênstruo é o único sangrar sadio e alvissareiro que proclama a fertilidade feminina e a torna partícipe dos grandes ciclos da vida. Assim, filhas e irmãs, não se deixem enganar pelo universo conceitual masculino, para o qual, a prepotência da arma e do instrumento a serviço da vontade megalômana constitui um bem. Ele considera qualquer meio, como digno e honrado fim, para alcançar suas vitórias contra o adversário mais fraco. Nada mais tolo e machista do que esta pretensa univocidade dos conceitos de bem e de mal; quando está óbvio que os fins alienam à condição de meros meios sua determinação obstinada de dominar sobre todas as coisas e tudo oprimir. Nós, bruxas, devemos recusar a clareza destes conceitos a favor da dignidade do fraco que precisa ser tão respeitada quanto a dos mais fortes. A moral e a decência se mostra quando os mais fortes defendem os fracos: isto é honra e

nobreza! Que eles os derrotem é mera regra animalesca de selvageria. A civilização como projeto e esperança programada implica radical respeito pela qualidade dos meios empregados para os fins. Nenhuma vitória pode ser honrosa se mediada pelo assassinato feroz. Poderá até ser conveniente dentro do terrível ciclo de tragédias que é a história, mas é algo a ser rejeitado e abominado como princípio. Nem mesmo a autodefesa, quando violenta, honra a dignidade do homem. As bruxas hão de negar a univocidade do bem e do mal, hão de reconhecer sua parcial relatividade e de, ao denunciar a hegemonia da maldade, reinventar a possibilidade do bem como meio e como fim. Como sonho e como serviço. Nossa responsabilidade constitui um débito com as milhares de vítimas, não só as mulheres queimadas como feiticeiras, mas com todas as vítimas humanas dos sacrifícios religiosos ou não. A atual civilização substituiu a motivação do matar e camuflou os atos sanguinários por formas sutis e

aparentemente ingênuas. Os atropelamentos nas ruas e nas estradas, os acidentes de trabalho e sobremaneira a fome — o mais maldito dos carrascos — constituem hoje formas leigas e dessacralizadas da mesma necessidade sangrenta dos homens em produzir vítimas e de fazer jorrar sangue inocente para aplacar as psicoses doentias dos machos, de uma cultura predominantemente fálica e maniacamente falólatra. Acautelem-se, pois, amadas meninas, diante das seduções e dos pactos que os machos oferecem, abrindo postos de emprego às mulheres, cedendo-lhes o poder de mando, desde que elas desempenhem, do mesmo modo que eles, a reprodução dos desmantelos de um delírio civilizatório que tudo mata, dos semelhantes a espécies inteiras e até o próprio planeta. Cuidado com a etiqueta gentil dos homens que lhes abrem as portas, puxam cadeiras e pagam contas. Alertas estejam quando cedem espaço, pois fazem isto para não mudar condutas culturais, nem finalidades civilizadoras. Dianas

de meu coração, armem-se e lutem a guerra santa da paz, pois é Gaia quem as convoca para salvá-la! Vive-se hoje uma época triste e soturna, na qual se percebe eriçarem-se as mesmas velhas sombras da intolerância doutrinária em questões de fé, sob diferentes denominações religiosas. Não tolerar a diferença e a livre opção do outro sempre constitui a matéria prima de qualquer tirania; além, é claro, de exprimir o mais ridículo dos orgulhos: a presunção de propriedade privada e exclusiva das certezas. A radical negação da igualdade de direitos entre opiniões divergentes existencializa de modo inconfundível o pecado típico do macho — o despotismo. No horizonte do presente, o único bem possível é a radical reformulação de métodos e objetivos globais para a espécie. Não basta reivindicarmos direitos inventados pela própria cultura machista. É preciso primeiro reinventar uma utopia que direcione nossos feitiços no rumo de uma cidadania da luta transformadora.

Basta de repetir o passado: o futuro é fêmea e a História é bruxa! Das cinzas de nossos sonhos e ideais façamos renascer as forças e as esperanças! Isto é o bem e o mal é não fazê-lo.

Deuses, demônios e bruxas

Observem e ouçam, diletas sucessoras, seus ventres onde Vulcano forja todas as realidades metafísicas. Nos santos úteros das bruxas são fabricados os deuses e os demônios, lá mesmo onde se aloja a verdade eterna de sua identidade cósmica. Aquilo que pode, ao mesmo tempo ensimesmar-se e autodiferenciar-se só pode ser, em essência, a mesmíssima realidade. Assim, filhas, somos rainhas do paradoxo e nascemos no Grande Abraço entre forças opostas por espelhamento. É por isso que nosso dever é o orgasmo e nosso trabalho é o amplexo envolvente e terno que assimila toda contradição numa síntese rica e não homogênea. As contrações internas e espasmódicas constituem a irrefutável experiência

de que, do nada, surge uma concretude que, vinda da Eternidade, penetra e invade a História. As convulsões da Magna Serpente que se agita são o milagre perene da vida. Nada mais injusto do que nos acusarem de adoradoras do diabo. Adorar a própria obra é a mais pueril das blasfêmias. Deusa-mãe de todo ser existente, somos as águas profundas dos céus, onde se organizam as enormes forças cósmicas. Desordem e ordem, geramos as fagulhas do fogo criador. Os deuses e os demônios são irmãos em nosso infinito ovário celestial. São iguais em tudo, menos no uso que deles fazem os homens. São seres energéticos transcendentais, feitos de pura potencialidade, que nosso gozo cria, tornando-os nesta ou naquela virtude, em tal e qual potestade, num ou noutro anjo. Deste modo, em nosso orgasmo geramos as possibilidades indeterminadas de entes, enquanto, na ação humana concreta é que estes se determinam efetivamente como realidades presentes, atuais e não simples

potência. Na eternidade do prazer inventamos a matéria prima de que todas as coisas são feitas, enquanto é na temporalidade da História que elas recebem suas formas diferenciadoras. Penso especificamente, aqui, como ação humana, naquele ato coletivo e individual pelo qual se criam os ídolos de todas as naturezas e não meramente as estátuas ou as imagens. Devemos entender como ídolo toda e qualquer construção simbolizadora. Os ídolos mais sutis e refinados que o homem cria são certamente os conceitos intelectuais, que não espelham formas, mas camuflam, pela linguagem, desejos e anseios, medos e ideais. Por este processo mental, turbilhões de emoções múltiplas e complexas são condensadas em racionais conceitos, dotados de formidável capacidade semântica. São de tal modo tão gigantescas as cadeias de realidades psíquicas, implicadas nos conceitos, que se torna difícil percebermos e compreendermos suas origens emocionais. Bem ao contrário do que

se pensa, aquilo que se considera racional e abstrato é, efetivamente, uma enorme quantidade de emoção — congelada para que possa o homem suportar-lhe o confronto — que se transforma de informação subjetiva em denotação objetiva. É assim que nós bruxas fabricamos a matéria prima com que os homens moldam deuses e demônios; vítimas sacrificiais e bodes expiatórios; longas defesas de sua crueldade insaciável; os cálculos matemáticos e as bombas destruidoras; as máquinas e os argumentos. Reflitam, jovens aprendizes da Sublime Arte, sobre o que lhes digo, pois, já não tenho tempo para deter-me em detalhes e defender minhas razões. Os deuses são antepassados das máquinas, porque sempre foram aquilo que o homem podia instrumentalizar a favor de sua vontade hegemônica, de seu sonho megalômano. Os demônios, como termo, serviam para agremiar e rotular aquelas energias que se apossavam do homem, a despeito de seu domínio, e invadiam-lhes a alma e o corpo. Aquilo que significava

insubmissão ao homem tirânico e despótico, isto era o diabólico. Por causa de nossa eterna rebeldia aos machos e pelo modo como nos apossávamos de suas almas pela paixão é que nos acusaram de sermos adoradoras do demônio. O conceito de Deus serve a recolher os méritos de todos os bens que a força conquista. Deste modo, o cruel se livra do julgamento e se afirma como bom. Por válidos motivos, qualquer mal se torna bem: esta é a terrível magia dos machos contra a qual invocamos Diana e suas hostes, a fim de podermos mostrar ao mundo que o bem é viável, desde que instaurado o reinado livre e prazeroso da verdade. Contra as teologias masculinas da afirmação, exaltaremos, por práticas e teorias, o grande e respeitoso silêncio das teologias apofáticas: nada dizer de Deus, mas amar — esta é a melhor de todas as pregações, o mais convincente argumento. É preciso denunciar como falaciosa toda moral absolutista que engendra um conceito de bem a partir da força e do poder de coação. É

preciso demolir os grandes edifícios conceituais das inúmeras religiões que servem como alicerce ideológico da dominação masculina. Devemos desconstruir as teologias esclerosadas e não nos restringirmos a discutir a questão inútil da existência ou não de Deus. Precisamos entender melhor o modo pelo qual os homens se servem deste conceito como legitimador de sua vontade. "Em nome de Deus!" — Eis a fórmula mágica que inibe qualquer reação e pela qual as ações se livram do juízo de valor, porquanto Deus é *hyperkalós* e sua vontade visa, assim e necessariamente, ao bem. Apropriando-se da divindade como conceito, os homens efetivamente a crucificam no madeiro, immobilizando sua grandeza e a escravizando a mesquinhos interesses. Falar em nome de Deus é sempre uma absurda pretensão e o mais extremado orgulho. Ainda se tratasse realmente de uma ordem divina objetiva, o seu descumprimento, por motivos de humildade, constituiria uma desobediência que a divindade

saberia perdoar. Até mesmo justificar uma efetiva caridade pelos ensinamentos de Deus, ou em nome dele, constitui comportamento hipócrita. O bem deve ser feito pelo prazer que se tem neste ato e não por causa de nenhuma outra motivação, sobretudo por aquela que vise a amealhar méritos para descontar, num céu *pos-mortem*, tesouros infinitos. Não hão de pensar, minhas meninas, que estou afirmando a inexistência de um ser supremo. Isto repetiria a mesma estratégia de dominação do conceito, apenas, recorrendo aos caminhos da negação. O que nós, as bruxas, temos de afirmar é o Mistério que existe nas fronteiras de nosso conhecimento. Cultuemos, deste modo, pois, o Mistério enquanto tal, sem tentar substituí-lo por invenções mesquinhas das mentes humanas. Ele é a insondável realidade que nos constitui enquanto seres e consciências, assim, desprezamos a inferioridade de deuses e de demônios, embora guardemos a veneração contemplativa pelo

inominável enigma que essencialmente somos. Por tais razões, seremos sempre perseguidas e, possivelmente, voltaremos a ser queimadas, quer pelas labaredas do fogo, quer pelas línguas cáusticas dos críticos. Mas persistiremos e não arredaremos pé de nossa natureza radical, posto que essa é nossa identidade. Exorto-as, pois, bruxas de meu mundo, a não esmorecerem e a não substituírem o Mistério, absoluto e transparente, onipresente e eterno, por ridículos antropomorfismos, tampouco por conceituações metafísicas. Não adoramos demônios, nem deuses e, de maneira alguma, criamos ídolos, ideologias ou mitos. Nossa fé é um agir: transcender sempre e ir pelos ares do cosmo atraídas pelo fascinante enigma que se faz orgasmo no abraço criador.

Pactos sobrenaturais

Discutirei aqui alguns fundamentos de pactos sobrenaturais, ressaltando aquele que uma bruxa deve celebrar e o que não deve nunca fazer. No entanto, o primeiro problema que se levanta é com relação ao fato de ser a palavra sobrenatural adequada ou não. Diante desse vocábulo, imediatamente entende-se algo que esteja acima ou além da natureza. No entanto, isto em nada ajuda, pois que é preciso definir o que se compreende pela palavra natureza. Com freqüência, esse termo evoca uma realidade que não depende da existência humana, entendendo-se como natural aquilo que é próprio da existência puramente biológica ou animal e que não se confunde com as construções institucionalizadas da cultura. No

entanto, é preciso considerar como questão básica o fato de não ser o homem apenas mais um animal na face terrestre. Pode até já ter sido um animal, mas tal como hoje se apresenta — circundado pela cultura e pela civilização, que de certa maneira o torna contemporâneo de todos os seus antepassados — o homem já não o é. O animal só é contemporâneo dos seus coetâneos, ao passo que o homem convive na História com aqueles que o precederam e, ao continuar produzindo cultura, projeta-se no futuro e se relaciona com aqueles que o sucederão. Não se deve, pois, ter uma visão que oponha natureza à cultura e à civilização delas decorrente. A natureza humana implica produção cultural. No entanto, tal entendimento, embora caracterize melhor o âmbito do conceito de natureza com relação ao homem, ainda não a define de modo adequado. A fim de aprofundar a questão, é necessária uma discussão sobre o próprio conceito de natureza e sobre o lugar que lhe é conferido

pelo pensamento. Exaustiva verificação histórica de toda a produção filosófica em torno dessa questão nos levaria a um labiríntico espaço de erudição especulativa, mais ao sabor dos machos, e que nos seria de pouca serventia. Portanto, construamos uma definição de modo a iluminarmos com ela nossa compreensão do sobrenatural. Como é possível compreender a natureza de modo independente de uma concepção metafísica? Noutras palavras, como posso falar de natureza sem trazer à baila o conceito de Deus e sem referenciá-la ao que denominamos de sobrenatural. A complexidade é evidente. Entretanto, nós, as bruxas, tentamos pensar sem recorrer à afirmação desse ser inteligente e supremo, buscando compreender a natureza como a totalidade das normas de permanência dos seres no conjunto das coisas existentes. Destarte, a natureza não se mostra uma vontade anterior aos animais ou astros, planetas ou estrelas ou galáxias, que componham o universo, mas sim modo pelo qual estes

elementos — que são, cada um deles, conjuntos e organizações de conjuntos de outras entidades, até às mínimas partículas subatômicas — lutam para permanecer naquele estado de identidade ideal, capaz de conferir-lhes unidade e necessidade em confronto com o universo circunstante. Assim, a natureza é resposta existencial às necessidades recíprocas entre nós e o mundo a volta nossa. Não é o resultado de leis estabelecidas antes da criação de realidades, mas sim o modo, a condição de possibilidade de existência destas mesmas realidades. A natureza não é um projeto que antecede, ao que se chama de criação, mas é a própria ação criadora em sua multifacetada dinâmica. Vejamos, a partir disto, a idéia de sobrenatural. Dentro da dimensão dos seres biológicos, a natureza, assim definida, corresponde a um processo de afirmação permanente da existência, ou seja de sobrevivência. Sobrevivendo, damos cumprimento à natureza, posto que o natural é

sobreviver. Desta forma, há de compreender-se que a morte se mostra um fenômeno contrário à natureza. Por esta oposição é que se incorreu no engano de considerar a esfera da morte como sendo o terreno do sobrenatural. Contudo, conforme já disse, o humano transborda o meramente biológico, por não ser mero animal. Assim, quando se estende o conceito de natureza de maneira a envolver as noções de cultura e de civilização, a história futura da humanidade consegue deixar de ser uma sobrenatural história da morte para tornar-se esboço da esperança de vida prolongada nas gerações. Quando esfera da morte individual deixa de exprimir a sobrenaturalidade, a vida reina sobre o efêmero como eternidade e assume a paradoxal condição de sobrenaturalidade natural. Entendam, assim, minhas filhas, que o sobrenatural pacto que as bruxas precisam celebrar não pode ser com suas fantasias imaginárias, individuais nem coletivas, nem com entidades mirabolantes e irrealis, nem

pode visar a poderes megalômanos — tal pacto é proibido e cruelmente punido pela loucura. Para nós, bruxas, o sobrenatural é, como já afirmei, natural e, forçosamente, cultural. Assim, nosso compromisso perene a ser assumido e sempre renovado é com a concretude da ação eficiente da mulher dentro da História, a fim de gerar o futuro no ventre da esperança. Neste pacto não se vende a alma a nenhum demônio, mas, ao contrário, se a resgata de toda alienação aos mesquinhos projetos tirânicos. Do ponto de vista do saber das bruxas, a questão filosófica da natureza tem de considerar a eternidade da espécie. Assim, esta eternidade significa o tempo de duração do mundo enquanto percebido por algum espécime humano. Duas noções irrompem neste contexto. A primeira delas trata dessa entidade abstrata e real que é o homem como espécie; abstrata para nossa experiência enquanto espécimes e absolutamente real para nossa permanência no universo. Portanto, o homem como espécie pode

ser perfeitamente pensado pelo homem enquanto espécime. Assim, muitas das formulações, das certezas emitidas e produzidas pelos homens ao longo dos tempos são formulações que partem da presunção de falar, de ver e de compreender como a totalidade dos seres humanos, portanto como espécie. Ora, para que a parte possa falar autorizadamente pelo todo, é preciso haver interiorizado as duas polaridades que compõem a espécie: o masculino e o feminino. Há inúmeros tipos de pactos sobrenaturais que podemos realizar e somos inteiramente responsáveis pelo discernimento de sua conveniência. Há contudo um deles ao qual estamos obrigadas a celebrar para honrarmos nossa condição de bruxas e que não se restringe ao abraço carnal entre nossos corpos côncavos de mulher e as másculas protuberâncias. O Grande Amplexo necessário para a transformação a que estamos destinadas se constitui nessa conjunção interior dos esposos reais das bodas alquímicas. É justamente

no orgasmo desse coito sobrenatural que nascemos como bruxas e podemos então falar, pensar e agir como a espécie humana em seu todo e não apenas a título parcial e individual. Este abraço nos une com a totalidade, em seu sentido mais profundo e sobrenatural; por meio dele transcendemos o particular e o cultural, adentrando o genérico e a essência das miríades de culturas, tornando-nos contemporâneas de todas as Eras e, desta maneira eternas e imortais — plenamente redimidas pela Luz salvadora da consciência desabrochada e comprometida com todas as crias do futuro, já hoje presentes em nossos úteros de carne.

Alma pactuada

As adeptas da Arte Sagrada não devem esquecer que é segundo a qualidade e a intenção do pacto sobrenatural celebrado pela bruxa que se define seu tipo de alma. Quando o pacto é mesquinho e visa aos propósitos egoístas de riqueza e à fama, a alma se vincula com o animalesco e com as energias inferiores do magma ferroso do centro do planeta e tais magos e bruxas pervertidos podem ser reconhecidos por alguns sensitivos pela sua pata caprina. Quando, ao contrário, o pacto é sublime e fruto do orgasmo cósmico que as energias criadoras e generosas da vida realizam no interior dos corpos que se abrem para receber visitas luminosas, as almas dessas bruxas são marcadas por uma alegria

contagante e por refulgente aura. Nada abate as almas pactuadas com o abundante bem das cornucópias celestiais. Já aquelas que se venderam às ânsias de sucesso, por mais que se camuflem em celebridades, sustentadas por perniciosas e astutas técnicas de propaganda, jamais serão capazes de comunicar verdadeira liberdade e o sincero contentamento. Existe um modo pelo qual podemos examinar o recôndito de nossa consciência e sabermos se estamos trilhando o caminho da luz verdadeira; celebrando o pacto permitido ou infringindo a ética das energias cósmicas e nos acasalando incestuosamente com os filhos de nossas vaidades. Há dois tipos de ouro: o dos tolos e o dos sábios. O ouro dos tolos compra coisas e consciências débeis. O ouro dos sábios compra paz e sabedoria. O discernimento entre estas duas naturezas constitui o mais difícil desafio. Durante o processo da Grande Obra, começamos sendo incapazes de distinguir se nossas

almas buscam um ou outro tipo de ouro. Só à medida que lançamos fora o ouro dos tolos é que vamos entendendo o verdadeiro significado do ouro sapiencial. A mais diabólica das formas de escravidão aos demônios de nossa ânsia voraz se traduz no chamado toque de Midas. Este é o sucesso material e mundano que traz fama e riquezas incalculáveis. Não são poucas as bruxas e os magos que se perdem neste labirinto de ilusões que constitui o poder quantificado em cifras monetárias. Estão por toda parte, exibindo seus rostos simpáticos, seus sorrisos cativantes, enchendo os meios de comunicação com suas medíocres receitas de aprendizes de feiticeiros. Recheados de maldito orgulho, disseminam errôneas compreensões de fórmulas que são essencialmente sagradas, mas que, em suas bocas ensangüentadas de vampiros, tornam-se abomináveis blasfêmias. Não pregam nenhuma doutrina coerente, mas um amontoado de fragmentos incapazes de adquirir unidade e de transmitir paz

verdadeira. Vasculhem-se os passados de muitos desses pretensos gurus esotéricos e lá, em idos tempos, encontrar-se-ão os ritos macabros pelos quais venderam a alma ao demônio. Há mesmo um dos mais bem sucedidos dos magos do presente que na juventude profanava cemitérios com sua amante, sobre tumbas celebrando coitos, fecundando-a para depois fazê-la abortar em honra a Satanás e acabando por entregar a vida da jovem em trágico e misterioso acidente. Hoje, hipocritamente, fala de Deus e se afirma mago branco, como se tal nódoa se pudesse da alma apagar. Rico e poderoso, hoje usufrui os dividendos infernais e conduz tropas de mulas em direção ao Aqueronte. Não quero, bruxas queridas e herdeiras minhas, que sigam o triste destino desses seres trapaceados pela incúria e pela ignorância, por isso, friso que a alma pactuada é serena de ambições, é doce e suave em seus sentimentos e generosa em suas carícias. O pacto redentor da verdadeira bruxa não se

mostra como vaidade e orgulho, como necessidade de reconhecimento mundano, antes procura o recato e o recolhimento de suas modestas moradas, de onde sai para caridade anônima e serviços humildes. Detemos o segredo da fabricação do ouro dos sábios, mas só o produzimos a fim de saciar dores e nunca de comprar coisas. Seu nome é Verbo e é o Deus de nossos ventres que o fecunda na virgindade de nossa solidão. A alma pactuada com o divino orgasmo de nossas alegrias mais profundas e uterinas não se compara com a alma leiloada às vis gratificações do poder insaciável de domínio. Somos bruxas e não magos. Queremos a *baruch*, a bênção, não vorazmente *magis et magis*, mais e mais, como os magos vermelhos, negros ou cinzas do mundo perverso e pervertido. É preciso que minhas diletas sucessoras consigam exorcizar todo perigo dos pactos sobrenaturais mefistofélicos. Embora este seja mais próprio dos machos, a mulher também está exposta a seus perigos. Assim, se por acaso, um dia,

aparecer-lhes o diabo em sedutora e fascinante manifestação, não o temam, pois, agora, vou ensinar-lhes um rito infalível capaz de enfraquecê-lo e dominá-lo. Como íncubo ou como donoso mancebo, ele pode surgir-lhes diante dos olhos de carne ou dos olhos da alma, durante o dia ou durante o sono e agitar todas as energias que percorrem um corpo de mulher. Se o brilho de seu olhar luciferino não for bastante para seduzir minhas meninas, ele tentará ardil mais forte, mostrando-lhes o pênis ereto e inexplicável. É um órgão que nós mulheres não temos e que naturalmente admiramos em justa medida. Deflagra-se um combate mágico entre partes pudendas poderosas. Se a candidata à bruxa sucumbe imediatamente, deixando-se penetrar e inundar pelo esperma, ela já fracassou em sua prova iniciática. A grande luta erótica consiste em exibir sua cavidade genital e obrigá-lo a contemplá-la por longo tempo, enquanto a contrai no mesmo ritmo do coração. Perca-se a bruxa neste prazer de exibição, sem culpa e sem

pressa. Com calma e total domínio sobre os momentos, não permita que ele, íncubo, macho — homem ou demônio — desvie o olhar da sublime caverna. Mantenha-o de joelhos diante do sacrário da vida e pulse sempre a vagina até que ele enlouqueça ou se entregue ao fascínio poderoso da mulher cósmica. Se a loucura dele manifestar-se como irritação e violência, não o perdoe, se você realmente for bruxa, pois trata-se de um demônio mau e inútil, ou de macho indigno de colaborar na sublime missa sobre o mundo. Mas se ele humilhar-se, beijar-lhe os pés e chamá-la de rainha, prometer delicados serviços e mostrar-se digno de abrigar-se no celestial ventre da eterna mãe, então o receba e o abrace, assimilando toda a masculinidade de seu corpo. Por maior que seja a sinceridade, a ternura e o carinho que tiver uma bruxa pelo macho, jamais poderá ela perder a consciência de que seu ato é criador e cósmico. Dele, participa e goza, mas não pode julgar-se proprietária do abraço. Este pertence ao céu e à

Eternidade. Nós, bruxas, somos meros instrumentos do orgasmo cósmico e nisto consiste nosso mistério e nosso trabalho universal. A alma de quem celebrou o pacto sobrenatural com o bem e com a vida jamais será possuída por invasores de qualquer tipo. Torna-se inteira, completa e pertencente a si mesma. Embora não seja posse da mulher individual, é propriedade e dom da celestial bruxa que tudo gera no ventre universal.

Consciência de bruxa

Se por um lado a bruxa, como consciência, é um cósmico evento energético, independente da natureza do corpo onde se manifesta; por outro, uma vez inserida no tempo, por meio desse próprio corpo, constitui uma consciência específica de um determinado ser. Como já lhes expliquei, o corpo da bruxa, teoricamente, pode ser feminino ou masculino, humano ou pertencente a qualquer espécie, animal, vegetal ou mineral. Embora, se considere quase sempre sua forma de mulher, que é a mais comum a nossa experiência, lembro a minhas legatárias que, entre os minerais, em certas cristalizações, está presente a consciência da bruxa, como tetraedro fundamental da manifestação. De semelhante maneira, também no reino vegetal, há

inúmeras espécies capazes de dar claro testemunho dessa consciência. São as chamadas plantas de poder, que se imiscuem nos próprios padrões interpretativos do real e produzem percepções novas. Igualmente no reino animal, há manifestações da unidade do cristal caótico. Ao contrário das insurgências de existência na matéria do cosmo, ordenada por entropias bem definidas em sua predominância, o cristal caótico é pura matéria psíquica, equilíbrio das entropias opostas e condição de possibilidade do tempo e do espaço. Àquelas filhas que considerarem estas coisas que lhes digo difíceis de entender, exorto à persistência e ao estudo metódico das metafísicas e das físicas. Serão tolas as que julgarem estes temas inúteis. Não basta sentir-se bruxa ou desejar ser bruxa. Só a identificação intelectual e emocional com estes conceitos profundos é capaz de exprimir a iniciação energética da bruxa. Até hoje, predominou uma definição do universo que o pressupunha um exemplo de

equilíbrio, ordem e harmonia. Mas esta é mera obra do cristal caótico — ente paradoxal e assimétrico — onde a dissimetria gera a contradição virtual da matéria microfísica e que produz a dimensão das realidades densas como resultado de sua própria fisiologia, como seu excremento. Assim, deve-se entender que o universo físico não pode ser confundido com a realidade viva do ser que o produz. E somos nós, as bruxas — pela consciência de estarmos fundidas no cristal caótico, portanto de o representarmos como seu sangue menstrual celeste misturado ao celestial esterco — que, por participação, geramos o filho e o logos cosmificador. Quem quiser seguir o caminho de identificação com este filho e logos, que é a matéria física universal, deve aderir ao cristianismo ou ao islamismo que, de todas as tradições, são as que melhor explicitam a mística do logos, do cosmo, da obediência e do macho. O caminho dessa mística levará à morte, ao sacrifício, à negação do Mistério e do Sublime, que apenas

persistirão como promessa e esperança, mas jamais se atualizarão nas almas como experiência marcante da alegria. O desenvolvimento disto será sempre o materialismo ateu ou o fanatismo insano pela voracidade de poder através da manipulação das credices mais ridículas e das culpas mais torpes. Nós bruxas, não queremos trilhar este caminho de identificação com o filho, mas queremos nos fundir, através dos fetos que somos nós, com a mãe eterna que é o cristal caótico. A bruxa é sempre "pagã e anarquista, como não poderia deixar de ser uma pantera que se preza", bem definindo-se gloriosa bruxa portuguesa. Somos piedosas devotas de uma antivididade, que não segue os padrões das metáforas masculinas do hiperser. Algumas de nós confundem-se com feiticeiras e chegam a pensar que o objeto de nossa religiosidade, se é que religiosas somos, seja uma branca deusa celta e que na erudição de pretensas ciências encontra-se o fundamento de nossos ritos. Perigosa

estrada a seguir! Desgraçada a bruxa que tentar restaurar seus cultos em formas derivadas de um simbolismo que meramente decorre, exprimindo, daquilo que é essencial e primeiro. O orgasmo, redigo, amadas aprendizes, é a realidade única além do tempo e do espaço. O coito, é o rito necessário e elementar, do qual todos os demais rituais derivam como metáforas e como representações analógicas. O verdadeiro ressurgir da bruxaria, como fraternidade de mulheres-bruxas, depende dessa nossa fidelidade ao momento primordial da brancura absoluta do cristal que antecede à formação das cores múltiplas e diversificadas. Só o puro brilho da alma silenciosa poderá indicar caminhos e sugerir procedimentos para adequar os desejos de liberdade à trilha de seus leitões pedregosos, oprimidos pela contingência e, principalmente, pela ordem masculina, que lhe vem opor diques a serem transbordados pelo leite e pelo sangue que de nossos corpos jorram. A consciência da bruxa nasce no ovário e busca o

mundo como sangue áureo. Se não o alcança desta forma, é porque encontrou a máscula semente no fundo do caldeirão. Então, obedientes ao mistério da conjugação dos opostos, amalgamam-se no soma e põem-se a criar outro universo infinito que é um novo corpo humano. Mas quase sempre, busca o mundo coleando corpo abaixo em corrida para a terra à qual se oferta como sangue sacrificial. E, assim, mês a mês, fiéis à lunação, nos doamos através do mênstruo sagrado à grande mãe Terra e lá fecundamos os gnomos fantásticos que nascem do encontro do sangue dourado e rico das mulheres com os cogumelos mágicos das raízes subterrâneas. Assim, meninas-bruxas, entendam que o poder que temos sobre a Terra vem deste casamento eterno entre nosso corpo feminino e o planeta. Os deuses machos vieram à Terra e geraram gigantes. Nós, em nossa boda telúrica, geramos os homúnculos da sabedoria e da alegria que vivem no microcosmo da realidade limítrofe entre o vegetal e o mineral.

Respeitem o sagrado mênstruo que jamais deve ser tratado como excremento, mas cuidadosamente sepulto em terra ou dissolvido em água corrente. Sim, porque casando o sangue feminino com as águas geram-se as ondinas. Já os silfos dos ares e as salamandras do fogo são geradas pelas bruxas manifestadas em corpos masculinos e não lhes ensino como, para que não sejam tentadas a buscar tal poder e terminarem presas no espelho das reflexões inúteis. A consciência da bruxa capaz de definir uma pessoa como tal é a postura que esta assume diante da vida, do universo e da sociedade. A cultura dominante do macho reina em inúmeras mentalidades e também há mulheres que aderem a tal modo de pensar, reproduzindo os valores patriarcais. Estas jamais merecerão o nome de bruxas, posto que são meros apêndices reprodutores dos homens, subservientes peças que para tudo dependem deles. Assim, a bruxa é anarquista por exigência de sua natureza dual, que brilha caótica entre uivos de orgasmo, e pagã pelo

impulso mágico que exerce sobre ela
a pluralidade infinita das formas
vivas.

Dupla natureza

Fidelíssimas filhas, depois de explicar-lhes a consciência que nos caracteriza, não posso omitir-me sobre a importante questão sobre a maneira pela qual somos. Este tema decorre do fato de sermos, concomitantemente, uma realidade restrita a um corpo biológico, bem como uma realidade ilimitada e infinita, a qual, dentro da existência, sempre transcende a si própria e se afirma como identidade a tudo que nos envolve. Assim, somos partes e somos o Todos, o absoluto pessoal, numa paradoxal coincidência de mínimo e máximo. O duro preço dessa dualidade — pela qual sabemos que somos tudo, sem deixarmos de reconhecer a quase nulidade que representa a ocorrência particularizada na pequena história

de nosso ego — é não sermos inteiramente nem uma coisa nem outra. Nossa incompletude é, no entanto, o grande abrigo que nos protege dos congelantes ventos do pretensioso orgulho. Caso nos afirmássemos completas, estaríamos implicitamente negando que temos a natureza da parte. Negando esta natureza parcial, negaríamos também a global, que, para ser o que é, requer necessariamente a inclusão da condição de parte. Portanto, só a humildade de confessar nossa incompletude permite vislumbrarmos nossa identidade essencial. Entretanto, a ousadia de afirmarmos completas exclui esta humildade necessária, nega a própria perfeição das virtudes e só revela nossa identidade parcial. Talvez deva resumir-lhes em palavras mais claras: a bruxa é a globalidade, mas está na condição de parte. Enquanto é, mostra-se completa, imortal, cósmica e infinita; enquanto está, apresenta-se incompleta, perecível, caótica e finita. Como já se pode concluir, a bruxa tem duas naturezas, que se

mantêm unidas mas que não se confundem. Antes mesmo que os primeiros cristãos, nos concílios, conquistassem a dupla natureza para Jesus Cristo, as bruxas já tinham consciência de terem tal responsabilidade. Falo de responsabilidade, porque os seres existentes são todos potencialmente vocacionados à totalidade. Nossa consciência, que é nossa identidade, é juízo humilde e não leviana assertiva egolátrica. Deste modo, nosso dever de ação nos conduz a compreender o exercício da vida como serviço prestado e não como ordem dada. Quando a parte só pensa a si mesma e não se pensa como o Todos, desviadas forças de vontade emanam da natureza global, assim, o perigo de tanta luz é ofuscar a própria razão e tornar-nos tiranas. O totalitarismo, embora dependente e gerado do conceito de totalidade, não afirma a globalidade, mas apenas a parcialidade do ego. Este é o motivo pelo qual vivemos: para atender necessidades e não para obedecer vontades! Por isso, acusam-nos de

rebeldes e, com efeito, nossa rebelião é a responsabilidade histórica que cumprimos ao gerarmos a diferença e a melhoria. Nossa identidade, paradoxalmente una e múltipla, é que nos torna legião e que se nos mostra como provação iniciatória em mistérios da existência. Alerto minhas caras discípulas quanto a isto, para que não lhes atormente a vivência sensória, afetiva e psicológica do inevitável salto qualitativo e transformador que constitui a prova iniciática. Em síntese, tal prova consiste em conviver com o terrível segredo desta dupla natureza, não entre homem e Deus, mas entre extremos ainda mais afastados — o universo global e uma mínima parte que o compõe. Quanto mais esta percepção se aninha nas almas e mentes da futura bruxa, tanto menos ela se expõe à inquietação, ao parto sofrido e à menstruação dolorosa e irregular. Tal processo é uma vivência penosa, doída, cheia de armadilhas, que, até mesmo, pode exigir um aprofundamento psicológico da

experiência da multiplicidade. Assim, sob essas condições, a futura bruxa experimentará transes, durante os quais será possuída por outras personalidades diferentes da sua cotidiana. Duas interpretações errôneas serão dadas, sobre isto, pelos machos, que pensam do ponto de vista da parte e afoitos querem capturar o Mistério, em rotuladas garrafas conceituais: que seja ela uma esquizofrênica ou que esteja possuída por espíritos de mortos, demônios, anjos ou divindades. A bruxa, velha e sábia, rejeita essas respostas banais, fruto de pueris fantasias de dominação e de juízo parcial. Na realidade, o que ocorre é que a futura bruxa se experimenta como possuída por outras partes de seu ser, enquanto ser total. Sua identidade, cotidiana e histórica, cede passagem a sua natureza global que — não conseguindo revelar-se una, como o absoluto, posto que o corpo é uma realidade parcial em face do cosmo — mostra-se como quantidade conglomerada de outras partes, as quais, por existirem na

dimensão psicológica, estruturam-se, na forma de personalidades. Acautelem-se, portanto filhinhas, na vida, do único e terrível perigo para nós, bruxas: a parcialidade de julgamento. Explicado o porquê de tal desvio ocorrer, nem se precisa lembrar os tempos da Inquisição como exemplo do império do Grande Carrasco — o juízo parcial. Assim, somos primas e irmãs de Têmis e pertencemos ao mesmo compromisso com a verdade e com a liberdade que assumimos diante de Palas Atenas. Não é, pois, a bruxa, uma simples conjunção de contrários, mas a contração espasmódica dos opostos extremos — parte e todo — enquanto o orgasmo se revela como símbolo emocional da consciência da unidade. Algumas bruxas, pouco cultas, é claro, defendem que a mulher seja emoção e o homem razão. Tal doutrina é simplória e imperfeita. Ambos os sexos são constituídos de emoção e razão. Se diferença existe é que o masculino simboliza, predominantemente, as emoções pelo discurso abstrato e conceitual. O

feminino, majoritariamente, simboliza as realidades conceituais e metafísicas na experiência emocional. A razão e a emoção constituem dois espelhos paralelos, mas um é côncavo e o outro convexo. Assim, quando percebemos as realidades refletidas, num ou noutro, dizemos que sentimos tal emoção ou que tivemos tal idéia. Para uma bruxa iniciada, estas duas dimensões constituem uma única realidade, reflexo metafórico de sua própria natureza dual. A bruxa, como amplexo, transborda o corpo feminino e engloba o corpo do macho. Já se havendo apoderado do mínimo do corpo masculino, do esperma, pode ela replicar o ser como máxima globalidade biológica: como filho. Considerando o homem, como filho, logos, razão ou verbo, entendemos como pôde Maria: Sublime e Gloriosa Bruxa, que sua misericórdia esteja sobre nós!: dar carne ao Verbo, apesar de sua virginal condição. Aqui se concentra um arcano de sabedoria e poucas entenderão toda sua densidade, mas nada devo acrescentar para não incorrer em

amesquinamento. Tudo que posso afirmar é que a carne constrói a emoção capaz de dar sentido e significado ao Verbo. A virgindade é o absurdo e a carência de sentido, dos quais se liberta a mulher que se autofecunda, para um agir novo e salvador. Parindo a História inteira, a bruxa Maria pare o homem-Deus, feito de sentimentos puros e não conspurcados. Esta é, diletas seguidoras, a base pela qual a bruxa em sua duplicidade é necessariamente virginal e mãe. A carnalidade voluptuosa — como podemos e devemos viver nossa natureza — não macula a virgindade essencial. Os machos com quem copulamos são sempre partes que nos compõem como totalidade. Assim, descendemos das Vestais Sagradas, das Virgens Hetairas. Casta e meretriz, a bruxa comporta em si o próprio conceito teológico de Templo: duas colunas e duas pernas. O tronco e as pernas exprimem o tríplice aspecto e revela o sacrário onde habita a Trindade Santa — para os machos, os dois iguais e aquele que se lança; para nós,

a trípode de toda profetiza, a
consciência de bruxa e sua dupla
natureza unidas no umbigo do mundo,
no ubíquo Delfos, configurando a
tríade látrica.

Sobre o culto

Passo agora a dirigir, a minhas pupilas predestinadas, algumas palavras a respeito do culto das bruxas. Sua regra essencial consiste em ser simples, espontâneo e sincero. A característica, que o distingue de outras expressões cúlticas, encontra-se no fato de que nosso culto não estabelece uma relação dividida; ou seja, não visa a unir nenhum sujeito a nenhuma alteridade. O que é mais freqüente e ocorre na maioria dos padrões religiosos é a união de um sujeito com uma diferença de si e não com seu predicado. Tal é o padrão que serve de matriz à relação cúltica vulgar que deseja unir o eu-humano com um outro-diferente-de-mim-que-é-divino. Ora, seguidoras minhas, depois de tudo que já lhes expliquei sobre a duplicidade de nossa

natureza, não podemos construir nosso padrão cútico segundo tal modelo fragmentador. Em nosso culto à transcendência, não corremos nenhum risco de idolatria, posto que não adoramos nenhuma imagem. Contudo, precisamos no culto da vida de um único ícone admissível para o exercício de nossa bruxidade: o Espelho Mágico. Só aquilo que nos reflete em profundidade pode constituir instrumento dos ritos simbólicos. Entretanto, amadas, tenham cautela, pois este espelho não poderá ser nunca confundido com aqueles que só servem para retocar-se *le maquillage*. Este Espelho Mágico e Sagrado, onde vocês podem e até devem mirar-se, não aceita máscaras. Nele, o que se reflete é a alma em toda sua complexa vastidão de imagens e isto é condição necessária para executar-se o trabalho da bruxa, sendo a bruxaria mais importante aquela que decanta a alma de toda mentira e a concentra na fabricação do bem. Há pessoas inexperientes, senão mesmo inescrupulosas, que têm aconselhado

exercícios mentais diante de espelhos, que se partem, para com isto verem-se coisas fantásticas e fazerem-se invocações, quase sempre de sombras perversas. Porém, Dirce lhes assegura: é ridículo e inútil olhar o Sagrado Espelho e ousar ver o que quer que seja além de si mesma! O Espelho só mostra a verdade inequívoca e só exprime a realidade global. Trata-se de um objeto sagrado que não pode ser transformado em instrumento de poder. Tal desavisada tentativa seria, para uma bruxa, uma perigosa infração, uma blasfêmia imperdoável. É por isto que há muita verdade sob a letra da superstição que promete sete anos de azares para quem partir um espelho. Meninas minhas, tenham muito cuidado com todas as armadilhas que há nas provas iniciáticas: estão espalhadas pelo dia-a-dia e carecem de calendário certo. Assim, sinto pena daquelas irmãs que ficam insaciáveis diante da constatação do Mistério, pedem *magis et magis* diante do Todos que o Espelho Santo revela. É a ansiedade diante do

insondável que fomenta as falsárias, que tudo querem explicar e afirmar e terminam projetando a limitada dimensão humana sobre transcendentais realidades. E assim, prometendo imortalidade para o egoísmo dos homens, essas burladoras exploram o medo e a credulidade de incautos, enriquecendo suas bolsas e entulhando o coração de culpas. Estas são loucas insensatas e não bruxas sábias. Só podemos olhar o Espelho, sem perigos, se tivermos a humildade de aceitar que a imagem que se apresenta a nossa visão é a verdadeira realidade daquilo que somos. Apenas desta maneira deixamos de confundir-nos com a visão que temos de nossa imagem e podemos nos identificar realmente com aquilo que somos. Certamente é nossa obrigação de bruxas, buscarmos a beleza, mas desgraçada daquela que se iludir quanto à verdadeira essência desse atributo e julgar que o belo esteja no exterior dos corpos! A infeliz só conseguirá ver a feiúra no implacável Espelho

Santo. Já aquela que praticar a Arte com o refinamento da humildade, esta sempre encontra a beleza no brilho da consciência que se percebe a si mesma. A imagem real da qual somos reflexo não é um ente metafísico qualquer e vago, tampouco uma divindade voluntarista e antropomórfica. É, antes de tudo mais, o próprio planeta — é Gaia, a deusa! — é a Natureza, tal qual intermedeia e equilibra, de um lado, a grandiosidade da consciência que se manifesta pelos corpos humanos e, de outro, a insignificância cósmica destes mesmos corpos. Entre o Todo absoluto e universal e o nada mínimo e mesquinho, a bruxa constrói a atalaia do ego, de onde pode optar pelo prazer da liberdade e pela liberdade de prazer. É pela porta inferior que se entra nos castelos das alturas! Saibam, pois, carinhosas amigas, que o Grande Espelho Mágico, no qual a bruxa se deve contemplar e, assim, render seu culto de admiração e obséquio, é único para toda e qualquer adepta da Arte. Espelho cósmico, ele vaga, azul e branco,

pelos céus e seu nome é Terra! Em grupo de amigas ou em solidão, quem deseja aprender a ser bruxa deve olhar em profundidade os mares, da linha do horizonte até às ondas que roçam voluptuosas as areias. Da mesma forma deve olhar para as montanhas altas e rebuscar dentro de si o céu de vapores que o terreno anseia. Precisa observar cavalos em galope, pássaros voejando em bandos, a chuva, o vento, o calor e até os apavorantes terremotos, reconhecendo que todas as coisas estão contidas em nossos corações e são as realidades das quais nossas emoções constituem metáforas. O Espelho que nos lega nossa Mãe primeira é muito diferente do lago plácido onde Narciso se perde. Nossas águas são turbulentas e o mênstruo terreno irrompe do ventre do planeta como cáustica lava de vulcão. Contudo, podemos ser igualmente serenas, quando, nas madrugadas, ao pôr-se da lua coroada, bailamos como orvalho nas copas frondosas e, na forma de brisa, excitamos, ainda mais, os ciprestes

erectos das sebes protetoras. Eis porque, herdeiras de meu saber, nosso culto deve resumir-se a esta singeleza primordial: a contemplar e a ser! Pela contemplação é que conseguimos perceber como somos em detalhes e isto nos torna vigilantes e atentas para não ficarmos omissas diante das oportunidades de servir à Terra, às irmãs de consciência e a quem mais quisermos, pois somos livres para fazer o bem. Dizem alguns que, nós, bruxas, ferimos à vontade, a nosso bel-prazer. Estes, se não mentem, são injustos, porquanto derramamos sobre os homens nossos favores e o leite de nossos seios: somos nós quem lhes dá prosperidade material e lhes ensina o uso da língua. As tochas que trazemos nas mãos servem para iluminar e não para atizar o fogo destruidor e, justamente, por trazermos a luz nos chamam de lucíferas. A graça de ser bruxa tem caro preço, mas esta é a herança de Hécate.

Arte dos efeitos

Aquilo que as bruxas fizeram, fazem e farão tem recebido nomes vários ao longo dos tempos. Já se chamou de feitiçaria, de magia, de xamanismo e de outros nomes mais. Prefiro, entretanto, recomendar a minhas aplicadas discípulas que assumam o termo *bruxaria*, a fim de exorcizar para sempre todas as conotações pejorativas e preconceituosas com que carregaram este termo os inimigos da luz e da verdade. Três são os tipos possíveis de bruxaria, segundo as qualidades do real onde se manifestam: a bruxaria cósmica, feita pela bruxa enquanto totalidade; a bruxaria histórica, que a bruxa, enquanto totalidade manifestada na parte, empreende ao construir o futuro e ao gerar novos seres, principalmente

estabelecendo novos comportamentos e novas utopias; por fim, a bruxaria psicológica, subjetiva, feita pela bruxa enquanto parte que transforma realidades a bem de outras partes pessoalizadas. É sobre esta terceira modalidade que falarei agora, esclarecendo o significado da Obra e os caminhos pelos quais a vontade se dirige para a eficácia, erigindo o que denomino como a arte dos efeitos. Aquela que aspira o grau de Bruxa deve compreender que seu objetivo é o pleno comando da causalidade simbólica que opera por meio da dimensão da eternidade, na qual todos os momentos coincidem e que, por este motivo, também é chamada de sincronicidade. As coisas existentes são, para nós, bruxas, carregadas de significado e, por isso, devem ser consideradas símbolos, podendo cada qual ter mais de um significado. Na verdade, quanto mais tem capacidade de denotar e de conotar, mais precioso é o símbolo. Deste modo, há dois pólos celestes que comandam a lógica de todo simbolismo: o sol e a lua. O sol divide

com a lua o reinado sobre toda significação e ambos são regentes de duas grandes linhas geradoras de símbolos. Hélio dá origem à verticalidade e à linha do horizonte; à orientação espacial; à velocidade; às armas; ao primado da força, da visão e, sobretudo, à lógica do ataque e da estratégia de caça. A lua engendra a experiência do recolhimento e a sociabilidade. O sol, a da exterioridade e a civilização. Selene estimula a horizontalidade e a percepção da abóbada estrelar; a pulsão sexual; a imaginação; as emoções; o primado da astúcia, do tato e, sobretudo, a lógica da defesa e da estratégia da resistência. Hélio regula o chamado regime diurno do simbolismo e Selene comanda o regime noturno. Ao diastólico dia segue-se a sistólica noite. O sol separa e a lua une. O astro-rei instaura no psiquismo todo o processo de diferenciação, mas a rainha da noite inaugura duas possibilidades psíquicas: a de identificação integral e a parcial. A integral fecunda a mística e a parcial, o modo de pensar

analógico. Quando dia e noite se casam nasce o ser humano que, sonhando noite e raciocinando dia, constrói sua plenitude. Além desse casal celeste, gerador de tudo que existe em nosso mundo, há outros símbolos importantes, como os quatro elementos — o fogo, a água, a terra e o ar — que constituem auxiliares mágicos de suma importância. Também devemos estar atentas para algumas pedras, para certas plantas e para vários animais. A operação eficaz dos símbolos exige que as bruxas saibam penetrar no âmago da semântica psicológica em seus significados dinâmicos e sejam capazes de modificar a posição de certos complexos do psiquismo. A Grande Arte exige que se recrie o universo simbólico segundo a relatividade dos regimes. Assim, os elementos tipicamente solares deverão ser compreendidos segundo uma referência lunar e vice-versa. Só desta maneira é que a razão penetra como lume no inconsciente e a emoção fecunda espermaticamente a fria lógica, tornando-a útil para o bem da

vida. As bruxas conhecem todos esses mecanismos e são capazes de mover objetos simbólicos diante da pessoa necessitada, de modo que a penumbra da alma seja clareada e a tirania objetiva da vontade caçadora ceda lugar ao acolhimento receptivo do abrigo noturno, quente e seguro. Ou se necessário for, que a inércia da depressão seja substituída pela ousadia diurna do guerreiro. Tais aptidões não se encontram em manuais para serem aprendidas, são intuições e sussurros que os astros passam à bruxa para que ela compreenda, no instante dado, qual é a necessidade psíquica do consulente. A arte dos efeitos consiste em atuar por meio de uma metacausalidade, que transcende ao vulgar conceito de anterioridade necessária. As bruxarias são fazeres eficazes, porém seus resultados nem sempre são posteriores a nossa ação. Há muitas bruxarias que, sendo feitas amanhã, poderão provocar efeitos no ontem, em total desobediência à cronologia dos atos e dos resultados. Àquelas meninas que se espantarem

com este ensinamento, direi que esta é a mesma lógica dos ritos que rompem a cronologia e que, celebrados posteriormente, produzem misteriosos efeitos anteriores. O agir da bruxa não tem eficácia segundo uma anterioridade e uma posterioridade rigidamente referenciadas a um presente particularizado. A bruxaria, ocorrendo na eternidade ou na sincronicidade, pode perfeitamente realizar no futuro um ato cujo efeito seja a criação do próprio universo. Certamente, isto dizendo, não quero apenas afirmar que o mundo foi criado por uma bruxa do futuro, mas que qualquer adepta da Arte, em qualquer tempo, precisa saber realizar o mesmo feito simbólico que representa e atualiza a criação do universo. Mais uma vez friso que este feito é primordialmente o orgasmo, dever e prazer de toda praticante. Como fiandeiras, não esperem que nos restrinjamos a meros tapetes e tecidos. Aquilo que tecemos e fiamos, como aranhas cósmicas que somos, é mais do que um objeto: é a própria

subjetividade do universo como unidade plena dotada de personalidade especial e geral. De nossas energias orgâsmicas, realmente nascem conglomerados galaxiais, posto que o corpo de carne é a metáfora físico-biológica que resume o universo envolvente. Somos corpos, carnes e gritos, mas, com livre senhoria, definimos o significado de nossa própria experiência, construindo os referenciais do passado e assinalando as setas da estrada do futuro. A essência fundamental dos efeitos não pode ser outra diversa daquela que se exprime no sentido e significado de qualquer evento. Desta maneira, ao atribuir sentido à criação do universo, efetivamente recriamos este instante primeiro na plenitude de sua singularidade como realidade metacorporal transcendente, como hipermomento que atravessa toda cronologia como eterno presente, como instante misterioso e consolador. O prazer que sentimos em nossos coitos rituais são a providência mágica e o primordial caos que permanentemente sustentam

o cosmo universal. Toda e qualquer bruxaria está ligada a esse fundamento microfísico tão enigmático, que óbvio: num vaso de barro, sobre quatro dentes de alho roxo, pousamos um ovo fecundado de pata e tudo cobrimos com terra preta, em noite de lua cheia. Nesta terra plantamos um pé de arruda e temos a certeza de que nossa vontade ganhará coragem e nossas forças conquistarão eficácia para caminhar no mundo subterrâneo com a mesma facilidade com que o pato voa nos ares, nada e mergulha nas águas e corre na superfície do solo. Da arruda, carinhosamente tratada e vicejante, todos os dias consagrados a Vênus, ao pôr do sol, comeremos uma pequenina folha. E o poder da bruxaria crescerá com nossas certezas e com nossas dúvidas, porque, nem cremos nem descremos, simplesmente fazemos -- somos bruxas!

Os quatro elementos

Minhas queridas filhas devem sempre meditar sobre a natureza, sobre o significado e sobre a utilidade dos quatro elementos e dos auxiliares mágicos para as diferentes bruxarias. A mãe de auxiliá-las nesta tarefa dar-lhes-ei algumas instruções. O fogo e o ar, a terra e a água constituem os dois casais criadores de toda realidade abaixo da lua. Estão presentes em todo rito bruxesco, conferindo força e eficácia à vontade que se expressa por meio deles. Estão também presentes no próprio corpo humano dispersos pelas diferentes partes e órgãos. Assim, os quatro membros que saem do tronco são dominados por cada elemento: o fogo corresponde ao braço esquerdo, que está do lado do coração; o braço direito, regido pelo ar, é aquele que

arremessa dardos e captura rapidamente os objetos que caem; a perna esquerda representa a terra e a direita, a água. Isto é fundamental para explorarmos o poder dos gestos, como a imposição das mãos e o posicionamento dos passos. Esta ordem não muda mesmo que a pessoa não seja destra, pois o simbolismo corporal parte do coração que é o sol do corpo. Estejam, meninas, atentas, pois, há certos feitiços que devem ser feitos com a mão do fogo, como o lançar de pólvora no braseiro incandescente. Com o braço direito se agitam os ares para provocar ventanias e tumultuar as mentes alheias. Com a perna esquerda se acelera o fuso da roca para fazer os fios, ou se esmagam os inimigos. Com a direita se purifica simbolicamente aqueles ambientes onde entramos, lavando invisivelmente o chão. Calcando com o pé direito a terra fofa, fazemos uma pegada na qual urinamos para trazer chuvas. Os quatro elementos sempre conferem muito poder aos que os manipulam. Os machos e magos trevosos, cujos

conhecimentos estão a serviço da dominação, da conquista e da caça, usam estes elementos de modo imediato, sem a intermediação psicológica, empregando-os de modo concreto. A manipulação masculina do fogo gerou as armas mortíferas e destruidoras; o domínio da terra acarretou a propriedade privada, exclusiva e excludente das terras produtivas; o poderio sobre as águas produziu navios e compactou o planeta; a conquista do ar tanto resultou em máquinas voadoras quanto em gases venenosos e cataclísmicos. Nós, mulheres e bruxas, aprofundamos o manuseio simbólico desses elementos de modo que se quisermos, hoje, resgatar o mundo de trágico fim, precisamos unificar o sentido simbólico com o sentido efetivo. O macho sempre machucou a natureza com sua violência norteada por egocêntricos fins. Cabe a nós, bruxas, desde já, emprendermos a recuperação do significado profundo dos elementos, libertando o fogo, a terra, o ar e a água daquelas mesquinhas amarras

que lhes foram lançadas pelos homens. A liberdade que damos ao fogo inicia-se pela aceitação sem culpa de sua ardência no interior de nossos corpos, na forma de desejos libidinosos. A redenção dos demais elementos exige um longo percurso que implica: a libertação das terras do domínio de poucos para que sejam amadas e lavradas por muitos; a purificação das águas dos mares e dos rios; finalmente, livraremos os ares de venenosos miasmas, restaurando-se a natureza primeira desses elementos. É por este simples motivo que as bruxas não podem e não devem limitar-se a pequenas bruxarias, a operações simbólicas individualizadas. Precisamos agir na História e na Cultura, mudando os rumos de uma civilização delirante que corrói as perspectivas de futuro. Uma vez libertos os elementos, restaura-se a eficácia das correlações mágicas e poderemos então voltar a voar pelos ares em direção a nossos *sabats* e nossos caldeirões voltarão a produzir as poções miraculosas que conferem

eterna alegria. Tudo que existe estabelece um vínculo entre os quatro elementos e é por eles engendrado. Assim, o sal é água e é terra. As fumigações são terra, fogo e ar. O ouro é terra e fogo e a prata, terra e água. A água pode assumir a forma rígida da terra pelo frio, que é sua distância do fogo, mas no entanto, pelo poder deste, pode passar ao reino aéreo. A terra pode ser liquefeita pelo poder ígneo, mas o ar e o fogo não se modificam e se nutrem respectivamente. O fogo, que é o elemento da transformação radical, em sua essência, é pura concentração de tempo, assim como o ar é expansão indefinida do espaço. O fogo é presença da Eternidade, enquanto o ar, para nossa doutrina, é o elemento ubíquo por excelência. Deste modo, discípulas queridas, aconselho um estudo aprofundado de todos os mistérios que envolvem os quatro elementos, para que possam aquilatar toda a importância de bater pedras para atear fogo, bem como de invocar-lhes a força simbólica para operar as bruxarias desejadas.

Alertas estejam para o arcano que rege esta dimensão do saber: o movimento, que coleia eterno no infinito criando o macrocosmo, é o mesmo que serpenteia livremente pelas duas colunas do templo-mãe da vida como certeza e esperança da fecundidade procriadora!

Quintessência

Dadas algumas chaves a minhas amadas crianças sobre os casais cósmicos, devo frisar a bem de uma verdade mais cristalina e avançada que a quaternidade é mero apoio e sustentáculo para o quinto aspecto que tem sido chamado de Quintessência. Não se pode esquecer que os elementos são essências de segundo grau, meras manifestações qualitativas da diferenciação quantitativa. Por sua vez, a Quintessência, significa a imanifestada ação, essencial e necessária, de uma unidade quantitativa e de uma indiferenciação qualitativa primordial. Em tempo recente na iconografia humana, o símbolo dessa realidade sublime vem representada, entre os cristãos pelos dois Sagrados Corações. Outrora, o

foi pela imagem do pelicano amoroso que rasga o próprio peito para doar seu sangue como alimento aos filhotes. E ainda em passado mais trevoso, o foi pelos sangrentos ritos de extração do coração e de sua oferta à divina loucura dos humanos. A Quintessência é ternura e amor, do mesmo modo que pode ser gélida frieza. É nosso dever de bruxas acolher na Terra esta entidade psíquica que é a Quintessência. Dela é que haurimos qualquer saber e principalmente a maestria de tempestades interiores, de nossos fluxos hormonais e da mais recôndita natureza enzimática de nossos desejos. Sem a compreensão da Quintessência, que é a mãe dos quatro elementos, todo conhecimento é superficial, ilusório e relativo. É por este motivo que Maria de Alexandria, mestra da Alquimia, a chamava de pedra filosofal. É pedra porque constitui o fundamento necessário! E é filosofal porque, ao mesmo tempo, se faz amor e sabedoria. Perdoem-me os mais verdes rebentos de meu jardim de

seguidoras, se estou apressadamente lançando sobre suas almas os mais ditos enigmas em que me instruiu a Esfinge. Porém, é preciso, o tempo terrestre urge, a nova humanidade em breve gemerá depois do parto e então se poderá ler, como futuro realizado, a sentença do passado. E caberá a este meu rebanho, que estou preparando, o trabalho de nutrizes, cuidando para que o leite puro de Ísis seja generosamente concedido a Hórus, nossa esperança. No recato do aleitamento, a bruxa adormece e compreende em seu sonho revelador que ela é mero canal pelo qual o universo inteiro se faz nutrição e amor, mas que garante generosamente a permanência da natureza. Pobres criaturas que não entendem esta unidade exclusiva e absoluta de nossa realidade como entes! Bruxas -- somos a Humanidade! Bruxas -- somos a Quintessência cósmica! Bruxas -- somos cidade, aldeia e comunidade! Bruxas - somos semelhança e alteridade! Somos o alfa e o ômega de todo e qualquer processo.

Ouroboros, devoramos e parimos o infinito inteiro mil vezes a cada vida, posto que é nosso riso que chancela o nascimento das estrelas.

Sobre as proporções

De nada adiantará, a minhas estimadas aprendizes, a intimidade intelectual e afetiva com a Quintessência, se isto não se aplicar também à realidade como relação. Na verdade, esta é a dinâmica da essência, aquilo para o qual a natureza própria do ser o destina. É também a essência de toda e qualquer dinâmica. É movimento cósmico. Dou à palavra proporção um significado sinônimo ao termo vínculo, outrora empregado por Giordano Bruno, que foi um digníssimo exemplo de manifestação da bruxa num corpo masculino. Só a Quintessência vincula todas as coisas de modo inteligível. Ela é a energia de Sofia engendrando o Logos. Esta é a matriz do pensamento que ensino: assumir como identidade nossa função orgásmica e

geradora e ver o universo a partir deste ponto de vista. O sentido que a bruxa dá ao vínculo, por força dessa sua visão, expressa a proporção entre as inúmeras partes inteiras do caleidoscópico mundo. Entender, sentir, pressentir, assumir e até transformar as relações entre as infinitas entidades do universo, nisto consiste a tarefa permanente de uma bruxa, já que ela é aquela que tem ânsias de parir o futuro, um futuro objetivo e real, reiniciando a História sob um novo padrão hermenêutico. Afinal, nosso orgasmo, como dever, não é mesquinho, mas pura generosidade. O estudo das proporções permite um fortalecimento do significado das inúmeras experiências afetivas que compuseram a abertura do ser para a condição de bruxa; cujas duas naturezas trazem a compreensão de que, aprisionada pelo cotidiano, a bruxa é vínculo entre o agora e o amanhã. Assim, o estudo que se deve empreender das proporções implica um aprofundamento psicológico e espiritual de cada uma das iniciantes.

É preciso, contudo, deixar de parte qualquer ilusão de que se receberá, no final da empreitada, qualquer diploma de competência. Trata-se de um processo de cozimento no banho de Maria de Alexandria, favorecendo lenta e branda transformação. A principal proporção é, portanto, aquela que existe entre qualquer parte e o Todos. O primeiro axioma que se nos apresenta, então, é que a singularidade plural da globalidade mantém equânime relação com cada parte, a despeito de qualquer hierarquia ou privilégio. Para o pensamento da bruxa existe uma igualdade metafísica própria dos seres que faz com que tudo seja igualmente necessário para o Todos. As mais astutas já devem ter compreendido que se trata de uma inversão do axioma fundamental do saber masculino, para o qual a diferença, a desigualdade, a hierarquia e o privilégio constituem os tijolos primordiais. Já nosso ensinamento afirma que qualquer parte é igualmente digna do Todos e necessária a ele. O universo não é

uma contingência acidental. Os machos tentam explicar uma cisão entre as realidades, enquanto partes, e demonstrar que, por isso, aquilo que é apenas parcial e limitado seria contingente e acidental, ao passo que o Todos, este sim é que seria necessário. Ora, somos nós enquanto partes que podemos organizar-nos como globalidade una, não é da totalidade que haurimos nossa realidade parcial, mas sim de nossa própria natureza, de nosso próprio determinismo para nos auto-organizar. Somos, assim partículas, moléculas, células, tecidos, órgãos, planeta, sistema solar, galáxias e aglomerados. Do mínimo ao máximo, somos a insignificância denotativa daquilo que se torna desprezível e substituível para prestigiar o conjunto associado. E foi justamente por isso que o antigo hino cristológico paulino cantava a queda do Filho que, de divino, se fez pecado, para habitar a História. Se não fosse pelo risco de desnecessário escândalo, recomendaria a minhas discípulas que se considerassem verdadeiras

manifestações messiânicas ou crísticas, sobretudo e primeiramente, no que concerne à responsabilidade para com toda a espécie, para com todo o planeta e para com todo o universo. Tal afirmação estaria bem próxima da realidade profunda de uma bruxa: concomitantemente a totalidade que envolve o vazio e o vazio envolto pelo Todos. Nosso ser cotidiano nos define tanto quanto a qualquer outro ser. Por instinto, conhecemos nossa amplitude de modo irrevogável e nos transformamos numa vasta teia interligada de seres, somos a própria escala hierárquica e todas as gradações, somos padrão de medida da realidade e não apenas um pedaço aferido. Em síntese, somos nós que permitimos que os machos meçam: somos a Régua! É por tal motivo que a vinculação cósmica depende de nós e que a proporção é nosso desempenho. Se somos Quintessência cósmica, como disse anteriormente, nossa face potencial se atualiza como proporção, como relação de uma coisa com outra, como vinculação universal. A sabedoria das

proporções em seus píncaros permite o assenhorear-se de toda contingência física, um tamanho comando sobre a pressão interna dos corpos que se consegue até a alforria de todo pesadume. Quando nos identificamos com a gravidade, conquistamos a liberdade que nos permite voar para nossos *sabats*.

Femealidade

Diletas amigas de nosso destino, ainda que esteja arfante e torture-me a pressa com que se avizinha a hora derradeira, dilata-se o tempo para que me restem finalíssimas palavras de ternura e para, enfim, aliviar-me de tanta responsabilidade, confiando-lhes tudo isto. Devo esclarecer delicada questão que nos concerne exclusivamente como presença biológica ou simbólica da femealidade. Emprego tal palavra para distingui-la da mera feminilidade, culturalmente escrava do imaginário masculino. Femealidade significa autêntica e plena liberdade da fêmea e não coqueterias ridículas. No reino dos mamíferos a fêmea como matriz da espécie é senhora da reprodução. Mas entre os humanos, ela perde sua majestade sublime de

deusa-mãe manifestada para reduzir-se a um estorvante apêndice submisso ao macho. Contudo, fulgura o momento oportuno em que se dará a libertação desta conjuntura serviçal ao domínio masculino. Esta liberdade-mulher constitui o mágico enigma esfíngico e implica o que já lhes recordei. O ponto nevrálgico dessa escravidão a ser rompida refere-se à livre disposição do corpo feminino como reprodutor ou não. Nós, como hetairas cósmicas, e apenas nós, podemos decidir como e quando, devemos experimentar a vivência de ser mãe. É preciso também que nossa alma esteja fecunda de nova espiritualidade. Não basta o esperma fecundar nossos óvulos. É preciso que uma infinita paixão, conferindo tamanha plenitude, se apodere de nós e que nosso espírito esteja em lactação criativa a fim de que esta inteireza possa transmitir-se ao novo ser. Quando a bruxa engravida, fá-lo como expressão natural e necessária de sua vocação total. Isto se comunica à criança, proporcionando-lhe alma inteira e sadia. A

fecundação casual e indesejada não constitui maternidade, nem é capaz de conferir ao feto uma possibilidade anímica sadia. O resultado de mulheres que parem criaturas fecundadas contra sua vontade é a multidão de trôpegas almas mutiladas que vagam neste mundo. Basta de sermos aradas como a terra e, a bel-desejo dos machos, fecundadas! Conquistem, filhas, esta liberdade para a maternidade, por nossa femealidade! Não permitam aos machos se apoderarem daquelas decisões sobre os futuros: quem há de decidir somos nós — terra e sol céu lua e chuva. Oferece-nos o homem a mera possibilidade material; cabe-nos a determinação formal de decidir fazer de nós outro ser. Não comanda o agricultor o futuro das sementes! O campo e o mundo gestam, na duração e na metamorfose, aquilo que foi mero ato fecundante. Se, de uma parte, nos compete a intrépida conquista desse direito, sem temer que nos acusem de ratazanas devoradoras de crias; por outra, podemos aquilatar o temor

masculino sobre a perda do terreno fértil. Em verdade, o único poder do homem subsiste enquanto escravizador do princípio feminino. É assim que se apodera do fogo, que se arma e que ataca. Empregando os falos como armas, em animalesca peleja contra a dessemelhança, emaranham-se os machos em nossas teias e sonham conquistar a própria jaula. É por isso que somos *maya* e ilusão! A bruxa pode gozar o orgasmo de um único coito por toda a eternidade. Este infinito deleite de alma é amor em sentido próprio. Portanto, que os hipócritas assassinos de milhões de filhos nossos, efetivamente paridos e aleitados por nós, se calem diante de qualquer juízo sobre nosso exclusivo direito à procriação! O cordão umbilical significa que o feto é parte nossa e se não nos seduzir nem sensibilizar a perspectiva da maternidade: somos livres! A singularidade da pessoa só surge com sua saída das águas e sua imersão no ar. Este é o elemento pelo qual transmigra a individualidade da vida.

Ninguém é pessoa antes de respirar, nem continua a ser quando cessa seu hálito. No ar, habitam todas as almas, como emanações do fogo interno do planeta. A água é a alma da terra e o fogo é o espírito cósmico do amor. O resfriamento torna a lava promessa! Ejacula o homem onde lhe apraz, mas só nos úteros — físicos ou simbólicos — de nossos seres é que pode a semente masculina ter serventia para a reprodução criativa. O prazer másculo é fugidio e seu orgasmo quase nunca se identifica com o amor. Diz o macho: amo e quero gozos eróticos! Diz a bruxa: sou senhora do orgasmo e por isso amo o amor em mim e nunca o deixo em liberdade para amar em mim! Que decifre quem puder! Somos livres para dispormos do que há no universo que nos compõe, contudo devo aconselhar-lhes o que é sábio e prudente: de nada serve preparar a massa quando não vamos assar o pão! A estratégia dessa *jihad*, guerra santa da femealidade, não se encontra no campo cultural — apolínea e máscula derivação — mas sim, na dimensão da

emoção, como alegria e ternura, como amor, enfim, de um Dioniso vivo e travestido — do rito de Cibele, de Ishtar, de toda Luz Cósmica, seja esta imensa galáxia ou microscópica partícula. A tática dessa guerrilha se trava, de modo especial, nos abraços físicos e simbólicos. Pelo enlace, corpos e almas se completam energeticamente numa mesma realidade: Andrógino — ou que outro nome se lhe queira dar — é sempre o Ser! De modo prático, reservem suas entranhas para especial orgasmo fecundo e fértil. Dominem os machos e as expressões sexobélicas, ensinando-lhes mil modos imaginosos de prazer, reformulando a etiqueta erótica. Comandem como domadoras os leões de seu picadeiro e, finalmente, como pedagogas do afeto, eduquem-nos para a política do êxtase, aliada à economia da ternura generosa e láctea. Só desta maneira o efeito será certo e nenhuma dúvida há de pairar sobre o futuro. As abelhas celestiais trarão o mel e nos alimentaremos todas na fartura do paladar mais refinado.

Guerra das árvores

A guerra das árvores é a essência poética do primordial aquoso e feminino: mostra-se um campo de batalha suave! Só retornando a este local onde o mundo se reencanta é que poderemos reencontrar-nos para nossas danças e para celebrar nossa alegria. Há quem tenha chamado de *sabat* esta nossa confraternização. E, para lá, fomos voando em mágicas vassouras e pelos ares atravessamos o tempo para restaurar aquela perenidade que, pela metamorfose, se faz Eternidade; vencemos Cronos e podemos ir tranquilas parir Zeus na solitária Creta. Que nos pode interessar a recordação da errônea fantasia dessas nossas festas? Pouco, posto que tudo foi forjado no imaginário masculino, onde representamos a ameaça e a

diferença. Rejeitemos, assim, as velhas e supersticiosas ritualísticas e fundemos, para nós também, um rito renovador e restaurador, onde não se repita a aparência, mas, verdadeira e cosmologicamente, se imponha a magnitude da originalidade criativa. A humanidade só cresce quando imaginação e inventividade criatividade novidade audácia e sinceridade erradicam qualquer mínima semente de hipocrisia e orgulho. Constatando essa nossa ética, incapaz de deixar-nos envergonhadas diante, não só dos homens, mas das árvores lutadoras e das próprias estrelas do céu; como admitir que continuem os machos sua multimilenar inquisição? Untem-se os corpos com os unguentos mágicos cuidadosamente elaborados no equinócio de primavera e depois, ó Valquírias, cavalguemos nossos Pégasos pela Via Láctea! Vamos a caminho de ver os fogos-fátuos de toda presunção! Nosso paradoxal percurso nos permite vislumbrar uma paisagem de majestade ímpar, onde a nudez é apenas condição inicial e

simbólica para alcançar a verdade. Ah! Temos ainda os bodes negros, os velhos *tragói* da primordial tragédia! Há! Há! Há! Há! E, ainda, temos Bafomet, com suas asas de morcego que nos instrui na arte de voar em meio às trevas. No entanto, temos, de modo muito mais significativo, as fadas-madrinhas de todas as abóbadas de cristal magnético do firmamento. Contudo, curiosamente, delas, os machos nunca falaram. São nossas aliadas, as forças mais recônditas da matéria na forma de energia consciente individualizante. Delas tiramos toda alegria para sustentarmos o cosmo com generosidade. O que mais irrita aos machos é a gratuidade do poder da Bruxa e o fato dela não reter o fruto maduro! Assim, nunca nos convirá a formalidade inútil dos grupos masculinos. Precisamos do espontâneo e do cotidiano simples para nossa comunhão, não celebramos ritos que não vivemos, mas vivemos os ritos que celebramos. Nossa ação terá de ser revolucionária e pedagógica. Afinal, os homens são fruto nosso, obra

nossa, culpa nossa. Devemos retomar na História até aquele erro que nos fez perder a dignidade de deusas — até aquele momento em que o macho apropriou-se da paternidade. Obviamente, não foi nenhum pecado de Eva-Mãe que nos privou da liberdade, ao contrário ao associar-se à Serpente redimiu-nos da nulidade e da não-existência. Vivi 120 anos para amearhar esta modesta coleção de certezas, que aqui venho legar-lhes como minhas próprias cinzas que espalho. Não desprezem!

A Grande Bruxaria

De serventia nenhuma seria tudo que lhes informei, caras meninas, caso não houvesse um concurso solene de todas as ações numa grande orquestração de atitudes e estratégias. Tudo que aprendemos e que vivenciamos só adquire eficácia concreta, quando produz a História. Esta entidade sagrada, não é uma abstração mas a única realidade eficiente. Assim, todos nossos bruxedos precisam concentrar seu poder na direção da transformação da realidade que nos circunda. É este o significado da construção do casulo onde, de lagartas nos tornamos borboletas. Esta é a destinação capaz de iluminar de significado nossa mesquinhez diante do universo. Somos nós mesmas as fabricantes da

poção mágica que nos abre a visão superior e que nos permite vislumbrar um novo projeto para a humanidade. Como bruxas parideiras, parimos tudo e, por isso, somos tão responsáveis pelo futuro, quanto fomos, porque derrotadas, culpadas pelo passado. Nosso compromisso ultrapassa as fronteiras das fantasias quiméricas e se impõe, como exigência da significação e da eficiência, como rearquitectura do universo cultural humano. Ah! Que loucas somos, como ousamos em nosso desvario sonhar um mundo que não tenha sido fabricado pelo macho, mas sim erigido pela serena ternura das bruxas incandescentes. Já lhes ensinei o indispensável e também deixo outros apontamentos sobre assuntos mais específicos da Sagrada Obra. Em meus guardados acharão muito material para a relembração de técnicas e de procedimentos. Recomendo-lhes de modo especial minhas anotações sobre a escrita mágica; sobre as transmutações; sobre a riqueza simbólica do erotismo em seus três tipos de encontros

carnais sagrados: do Andrógino, do Masculino e do Feminino. Além disso, não deixem de estudar sobre as imprecações e os encantamentos da bruxa nem de se empenharem na prática da gargalhada mágica. Perdoem-me este zelo de mãe preocupada com o futuro das filhas. A hora é chegada, devo calar-me. Que o silêncio eloqüente deste instante onde me dissolvo seja testemunho do legado que fiz como depoimento de amor e de exortação àquelas a quem tanto bem quero e às quais consagro minha esperança de realização da Grande Bruxaria. Que minhas cinzas sejam levadas para Ibiza e, lá, nas águas mediterrâneas, espalhadas para reencontro com minhas antecessoras e minha saudosa Hécate. Que se rompa a bolsa do ventre de Gaia e que ela paira enfim um novo espécime iluminado pelo amor. Evangelho do Espírito Santo!

Dirce De Bellis

Epílogo

O escriba nada tem a acrescentar. Basta-lhe agradecer uma visita tão angélica e seu carinho ao salpicar luz e entendimento, ao apontar direções e ao reinventar esperanças, sorrisos e gargalhadas; transformando dor em desafio e transmutando morte em vida eterna.

Varre-se a mesquinha identidade ditada pelo egoísmo e um novo alento invade nossas janelas e mentes como Boa Nova do Espírito Fêmeo.

Aleluia! Aleluia! Aleluia!